REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

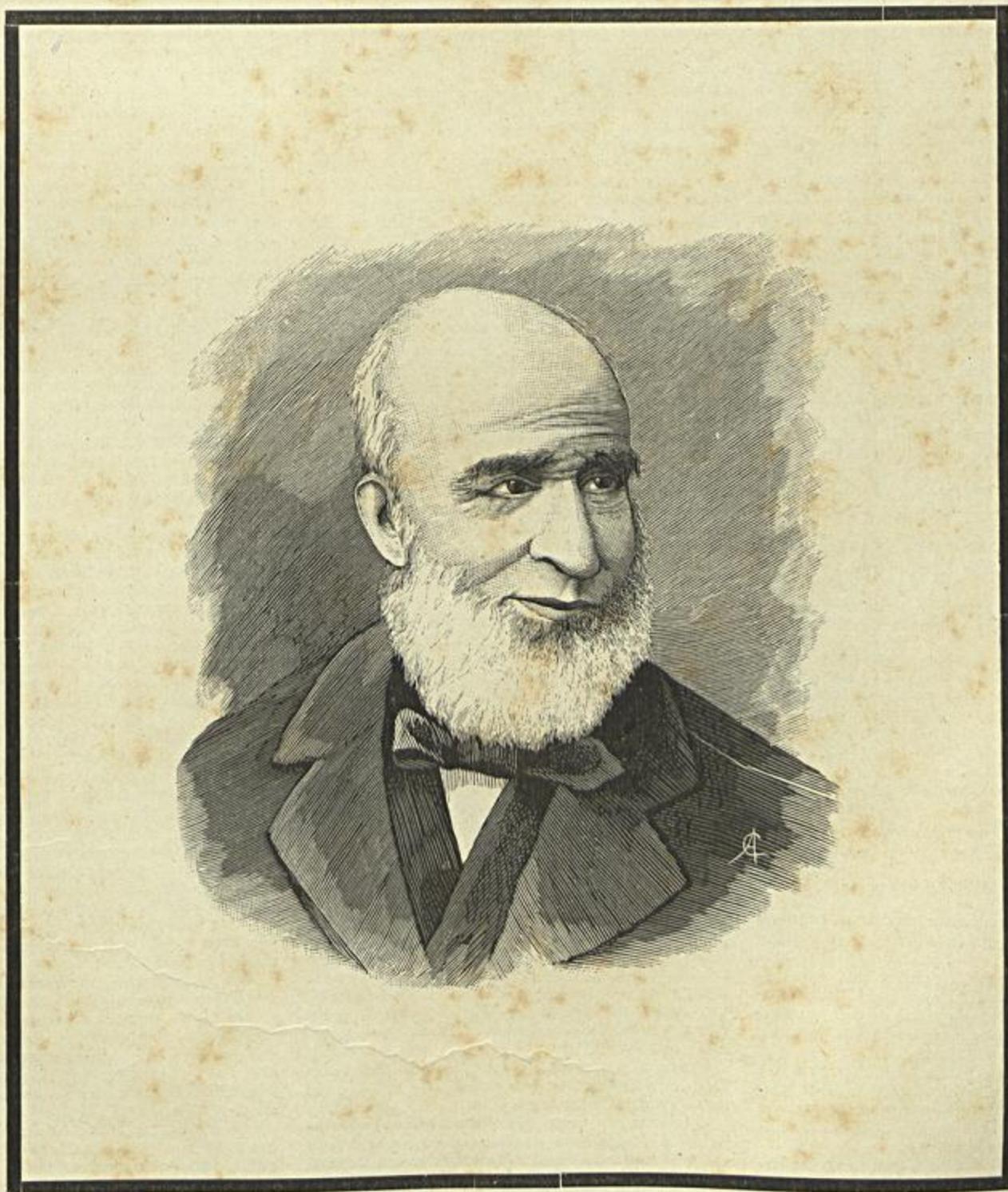
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 370

1 DE ABRIL DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA

(Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

N'estes ultimos dez dias o theatro teve quasi que o exclusivo do fornecimeeto de assumptos para a chronica lisboeta.

S. Carlos deu-nos a opera nova da estação 1888-1889, a sua opera *d'obligo*, e essa opera foi nem mais nem menos do que o *Otello* de Verdi, incontestavel e incontestadamente o mais poderoso de todos os compositores contemporaneos. O Gymnasio, apresentou uma comedia original em 3 actos, *Bibi*, em beneficio d'um dos actores mais justamente queridos e victoriados do theatro portuguez, o actor Valle, e firmada por um nome já muito conhecido e illustre no mundo theatral, o de Carlos de Moura Cabral, o festejado auctor das *Scenas burguezas*.

A Trindade fez-nos ouvir uma opera comica em 3 actos, Piccolino, cuja musica é devida a um dos mais gloriosos compositores de Portugal, um maestro portuguez cujo brilhante talento o publico já tem applaudido ruidosamente e enthusiasticamente em composições de grande folego no theatro de S. Carlos, e que voltando agora a operetta ao theatro da Trindade, onde fez as suas primeiras armas e onde teve os seus primeiros triumphos, quiz guardar o incognito — uma especie de incognito de pessoa real em viagem, incognito que toda a gente sabe quem se envolve n'elle, mas que nós entendemos dever respeitar, visto ser essa a vontade do illustre maestro, e visto ser sabido de todo o publico de Lisboa quem é o auctor da musica do *Piccolino*.

Como vêem estes tres acontecimentos em todas as cidadds do mundo seriam acontecimentos de primeira ordem, e muito mais o são entre nós, sobre tudo n'estes dez dias em que as novidades tem escaceado, e se limitam a uma novidade triste, a uma epidemiasinha de typhos que começa a levantar cabeça em alguns bairros de Lisboa apesar das negativas officiaes, epidemia para que-toda a imprensa tem chamado a attenção das auctoridades competentes, sem que até hoje, infelizmente esse chamamento tenha tido lá grandes resultados.

E não nos parece muito acertada essa insistencia com que se quer fechar os olhos ao perigo que nos ameaça, porque demais a mais com a proximidade do verão, e com o estado pouco hygienico em que está a nossa cidade, mercê das obras do gaz, e do Porto de Lisboa, esse perigo pode tornar-se seriissimo d'um momento para o outro.

Que não se atemorise sem motivo a população, perfeitamente d'accordo, que não se faça d'um argueiro um cavalleiro e não se principie a assustar toda a gente por causa de uns poucos de casos de febres typhoides, uns fataes outros não, achamos muito bem, mas o que é necessario, o que é indispensavel, o que é urgente é que se tomem medidas rapidas e energicas para não deixar progredir o mal, é que se adoptem os processos indicados pela hygiene e pela medicina para prevenir o desenvolvimento d'essa epidemia, que começa, e que, deixada á solta, pode ter tão graves e terriveis resultados.

E alem d'isto não tem havido mais nenhuma novidade importante fóra do theatro; é no theatro que esta semana houve os acontecimentos, é portanto ao theatro que temos que ir buscar a nossa chronica d'hoje.

Começaremos pela primeira novidade—O *Otello* de Verdi.

O *Otello* é inegavelmente uma obra prima, e chega a assombrar a pujança de genio d'um homem que no fim da vida, passados os 70 annos de idade, produz uma obra gigantesca como esta é, que longe de denotar a mais ligeira decadencia nas faculdades previlegiadas do seu glorioso auctor, é por assim dizer a cupula maravilhosa de toda a sua maravilhosa obra musical.

Verdi pensou muito tempo em chamar á sua ultima opera *Yago* e parece-nos que teria feito bem em dar-lhe esse nome, porque a figura que domina em toda ella é muito mais a do *honest Yago* que a do Mouro de Veneza.

Quando a famosa opera de Verdi se representou pela primeira vez em Italia creada pelo tenor Tamagno, pelo baixo francez Maurel, e pela primadona Pantaleoni — os tres artistas que o illustre maestro escolheu expressamente para o honroso cargo, de serem os primeiros interpretes do seu trabalho—a critica italiana e a critica franceza, que enviou á Italia os seus patriarchas para verem e apreciarem a ultima obra do grande maestro, —occupou-se largamente d'essa opera, analysando minuciosamente todas as suas grandes qualidades e todos os seus defeitos.

Temos aqui defronte de nós, collecionadas em volume, a maior parte d'essas criticas, mas nem sequer a folhearemos agora com os nossos leitores e limitar-nos-hemos aqui, a dar a nossa impressão pessoal em frente da obra do glorioso mestre, impressão sentida na primeira e unica audição que até agora tivemos do *Otello*, o que é o bastante para dizer que não visamos de forma alguma a fazer aqui a critica da nova opera de Verdi.

A impressão que se sente a primeira vez que se ouve o *Otello* de Verdi é uma impressão de estranhesa.

Aquella musica onde a inspiração soberana de Verdi se casa á mais profunda sciencia dos processos musicaes modernos, antes de agradar surprehende, antes de deleitar assombra, é original, é grande, é gigantesca.

Não tem os effeitos ruidosos da *Aida*, nem o apparato espectaculoso d'esta opera, em que os deslumbramentos da mise-en scene se impõe immediatamente ao successo: o *Otello* não tem na pompa do espectaculo o seu *clou*, o seu *clou* está unicamente no talento poderoso que irradia de quasi todos os trechos, com a originalidade caracteristica e possante do genio de Verdi.

Uma opera como o *Otello* não se pode criticar n'uma unica audição: ha bellezas musicaes que não se revelam ao *premier abord*, que exigem mais largo conhecimento da partitura; não fallamos d'essas bellezas hoje, e fallaremos apenas das, de mais facil accesso, d'aquellas que logo na primeira noite vieram ao nosso encontro e se nos deram a conhecer.

O primeiro acto começa logo por um trecho formosissimo, um coro explendido a que se segue a phrase magnifica da entrada de *Otello*, e um coro delicadissimo — o coro da fogueira, que na primeira noite passou quasi desapercebido.

A scena da embriaguez de Cassio e o brinde de Yago, são tambem d'uma grande originalidade: Batistini cantou magistralmente o brinde, e o segundo tenor o sr. Paroli, fez muito bem a scena da bebedeira, que lhe foi ensaiada pelo proprio Verdi.

Esse primeiro acto termina por um *duo* d'amor muito original e delicado, cujo effeito se perdeu, imaginem lá porque?...Por causa d'uma lamparina!

Parece *charge* mas é exactamente assim.

No fim d'esse duetto ha uma allusão á estrella da manhã, que n'esse momento deve começar a scintillar no horisonte.

Ora no meio do ceu, muito bem pintado pelo sr. Manini; appareceu de repente um braço gigantesco pela sombra o pendurar a estrella d'alva, que era uma lamparina pequena, uma lanterna de illuminação do quartel do Carmo em noites de regosijo official.

O publico desatou a rir, a rir, e n'essa hilariedade contagiosa se perdeu todo o effeito da formosa scena d'amor de Otello e da Desdemona.

No segundo acto ha um trecho realmente magistral o *Credo* pessimista d'Yago, que por ser d'uma *cuope* muito original e estranha não, se percebe muito bem n'uma primeira audição.

Já não acontece isso á narrativa do sonho de Cassio feita a Otello por Yago, um trecho delicioso, que se comprehende logo que é uma obra prima e a que Battistini deu uma execução verdadeiramente extraordinaria.

Esse acto termina por um duetto de tenor e barytono, bonito, mas muito menos original que todo o resto da opera e que naturalmente por isso mesmo, por estar muito mais ao alcance de todos produziu muito effeito e teve muitos applausos.

No terceiro acto ha um trecho encantador, o trecho que mais impressão nos produziu de toda a partitura — o tercetto de Yago, Cassio e Otello, um trecho muito original, muito delicado, e em que a musica traduz fielmente a palavra — qualidade esta que é uma das qualidades dominantes de toda a opera de Verdi: antes d'esse tercetto ha uma mandolinata, que é muito menos original mas que agradou, porque é de effeito theatral.

O quarto acto todo elle é um primor, sobresahindo a Ave Maria de Desdemona, que é uma verdadeira perola, que a Tetrazini canta deliciosamente e que na 1.ª noite do Otello foi o unico trecho que teve *bis*.

O desempenho do Otello foi geralmente bom, e excellente pelas primeiras partes; Tetrazini no papel de Desdemona ostentou todos os seus famosos recursos de grande cantora e de comediante eximia: Batistini foi um magnifico Yago, accentuou perfeitamente o seu personagem e cantou com aquella arte delicadissima que a distingue, e Brogi, que é um excellente artista houve-se com a sua costumada distincção na parte de Otello, apesar de dramaticamente lhe dar um feitio muito convencional, fazer do Mouro de Veneza um Otello bonito, uma especie de *sujet de pendule*.

O scenario de Manini é muito bom, sobre tudo a sala do 3.º acto; o guarda roupa é rico e de bom gosto.

Do *Bibi* de Moura Cabral nada podemos dizer, porque incommodos de saude nos impediram d'ir á sua primeira representação e não nos tem deixado ainda ir vel-o. Entretanto sabemos que o nosso amigo e talentoso escriptor teve ruidosa ovação nos dois primeiros actos, que segundo nos dizem são explendidos e fizeram empallidecer o 3.º acto, que não teve igual successo.

O *Picolino* que se deu na Trindade arranjado em vaudeville por Eduardo Garrido com musica d'um illustre maestro portuguez, teve o mesmo resultado de quando se deu na opera comica de Paris, com musica de Guiraud—agradou mediocremente.

A partitura do *Piccolino* na Trindade é lindissima, muito bem feita, extremamente delicada, talvez de mais para um publico habituado á musica de operetta; n'essa partitura ha um canto religioso um *noel* magnifico, uma lindissima valsa, uma tarantela de bello effeito, um magnifico tercetto de mascaras, um engraçado côro de gregos em parodia, mas apesar d'essas bellezas o *Piccolino* não teve um grande exito por causa do poema, que é muito serio de mais para a Trindade, e que mesmo no seu genero está muito antigo, pertence a uma formula theatral hoje completamente cahida em desuso.

Entretanto a partitura salvou-se e um dos numeros, a *tarantela* que é muito bem executada pelos artistas da Trindade foi bisada na 1.ª noite.

E aqui tem em rapida noticia as novidades d'estes ultimos dez dias.

Gervasio Lobato.

ANTONIO D'OLIVEIRA MARRECA

Assim vae desapparecendo uma geração de fortes. Uns após outros vão resvalando para o tumulo, obedecendo a essa lei immutavel que se chama a morte, e que sem respeitar, nem as gerarchias do espirito nem as das convenções sociaes, a todos vae egualar no mesmo campo sobre que nascem os goivos e as saudades e se erguem os cyprestes tristes, marcos miliarios de um mundo que passou.

A' geração que fica só lhe cumpre egualar, se poder, o civismo d'esses fortes que se vão, porque n'isso irá o honrar-lhe a memoria, e o mostrar que não se esquece d'elles, tendo sempre presente os seus exemplos de firme austeridade.

E nenhum melhor que Antonio de Oliveira Marreca, poderá servir de bom exemplo, pela sua grande abnegação, pelo seu puro civismo, pela probidade de caracter, que não lhe permittia transigencias contrarias ás suas convicções.

Se podessemos aqui seguir passo a passo a sua vida, sem receio de nos alongarmos demasiadamente, poderiamos referir circumstancias que provassem a isensão de Olveira Marreca, mas não é preciso quebrar lanças, se tiveramos forças para as empunhar, porque toda a gente conhecia o respeitavel octogenario e apreciava os finos quilates do seu espirito e integridade do seu caracter, e a prova de que isto é verdade, está na expontaneidade com que em volta da sua sepultura se agruparam milhares de pessoas a dizerem o ultimo adeus aquelle velhinho, pobre e desprovido de vaidades, tendo por unico brazão o seu talento e as suas virtudes.

Atravessou quasi um seculo, e as ambições que durante esse longo periodo havia de encontrar no seu caminho, nunca conseguiram desnortear-o do seu rumo. Impassivel para ellas, couraçado pela sua grande philosophia, viu passar por diante de si muitos apostatas, que lhe fizeram nascer em seus labios aquelle sorriso constante da sua phisionomia.

Ia a completar 84 annos de idade, pois nasceu em Santarem a 26 de Março de 1805, epoca em que as ideas democratas alvoreciam para alem dos Pyreneus com um fulgor de deslumbrar.

Toda a mocidade de então se deixava enthusiasmar por essa liberdade que contrastava fortemente com o despotismo que oppremia os povos, e poucos se conservaram indiferentes á grande corrente.

Oliveira Marreca foi dos que mais facilmente

abraçaram essas ideas, e por ellas luctou com uma convicção nunca desmentida.

Quando deputado em varias legislaturas, a sua voz ergueu-se sempre para defender os sãos principios da liberdade, com independencia e rectidão inexcidiveis; mas essa mesma independencia e rectidão o fizeram afastar da vida activa da politica militante, e acceitar a presidencia que o partido republicano lhes offereceu em 1870, quando se organisou de novo em Lisboa.

Se n'este partido elle viu desertar de roda de si alguns dos seus adeptos, elle continuou a sorrir e a forteficar-se cada vez mais d'entro da sua philosophia, que tão isento o tornava das ambições do seu tempo.

Os elevados dotes do seu espirito, as suas habilitações scientificas fizeram com que elle occupasse cargos publicos importantes, e assim desempenhou o logar de administrador da Imprensa Nacional durante alguns annos; professor de Economia Politica e lente no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa; director da Bibliotheca Nacional, e por ultimo guarda-mór da Torre do Tombo, ficando, pela reforma de 1887 addido á inspecção geral das bibliothecas e archivos publicos.

Imprimiu em 1838 as suas *Noções Elementares de Economia Politica*. Era n'esta sciencia uma verdadeira capacidade, e por mais de uma vez foi convidado para ministro da fazenda, o que nunca acceitou pelos seus escrupulos politicos.

Foi com Alexandre Herculano, Rebello da Silva e outros o fundador do *Panorama*, publicação litteraria de boa memoria e em que collaborou assiduamente com varios escriptos, entre os quaes mencionaremos: *Fernão Gonçalves, O Conde Soberano de Castella*, obra que elle ultimamente estava refundindo e de que já tinha publicado tres volumes editados pela casa Bertrand; varios artigos sobre Economia Politica, em que fez a critica ao curso d'esta sciencia de Miguel Chevalier; um trecho historico-romantico *Manuel de Sousa de Sepulveda*. Escreveu o *Relatorio Geral do Jurado* em 1850; *Sociedade Promotora da Industria Nacional, Exposição da Industria de 1849; Parecer e memoria sobre um projecto de estatistica*. Collaborou na *Illustração Luso-Brazileira*, na *Revolução de Setembro*, na *Revista Economica* e outros.

Collaborou largamente no novo *Codigo Civil*, emfim a sua sciencia e o seu talento provou-se em muitas obras que hoje lhe honram a memoria.

Mais e melhor de tudo quanto aqui escrevessemos a respeito d'este veneravel ancião, diz o primoroso estylista e eminente academico sr. Latino Coelho em um artigo publicado no *Seculo*. D'esse artigo vamos, com a devida venia, transcrever alguns periodos, que são o panegirico mais brilhante com que podiamos encerrar as notas biographicas que aqui exaramos, do illustre morto.

. . . .

«No meio da corrupção e scepticismo, em que está correndo pressuroso á sua derradeira degradação o mundo politico em nossos dias, como era consolador para os espiritos, que ainda crêem, e saudavel para os corações, que ainda esperam, a regeneração da humanidade pela democracia, o contemplar aquelle varão exemplar, que entrado na ultima estação da existencia, em que a indifferença e o egoismo costumam avassallar todos os sentimentos e todas as paixões, ainda cria e esperava, como que reaccendendo para a esperança e para a crença no futuro da republica e da fraternidade universal, as fagueiras illusões da juventude e os brios inquebrantaveis da edade varonil

Como era bello admirar n'um ancião provecto, chegado pelos annos e pelos achaques ao limiar do tumulo, o enthusiasmo, com que saudava todas as victorias democraticas, e acolhia jubiloso todos os signaes, todos os prenuncios, ainda os mais duvidosos que podessem augurar para mui breve o advento da grandiosa instituição, em que punha toda a fé para a redempção da humanidade. Bem poderá dizer se que ao passo que o seu corpo se dobrava, inclinando-se para a terra, o seu espirito se exalçava n'uma ascensão gloriosa, a elevar-se nas regiões ethereas de um porvir abençoado pelo triumpho definitivo de uma reparadora e vivificante democracia.

Que documentos se admiram e se lêem n'uma vida tão prolongada, onde o caracter, como nos personagens de um drama artisticamente concebido e executado, se conserva comsigo mesmo congruente, desde o entrar na scena até que é chegado o extremo transe! Que exemplo eloquentissimo, com que envergonhar e confundir, senão penitenciar e converter as indoles cynicamente corrompidas, que vemos ahi todos os dias professar successivamente n'um culto hypocrita e interesseiro desde a mais radical democracia até á mais servil adoração dos poderosos e dos monarchas!

Assistimos constantemente ao opprobioso espectaculo d'esses politicos sem fé, que no alvorecer da sua vida se distinguem pela exaggeração e violencia das suas fingidas opiniões republicanas e socialistas, pelos odios theatraes ás dynastias, pela insurreição, em que se declaram contra as fórmas da sociedade no presente, e que passados breves tempos caem de joelhos sobre os ultimos degraus dos thronos, e abjuram publicamente, a troco dos porventos materiaes e de miseraveis honrarias, o crédo que falsamente haviam confessado ou prostituido como simples expediente para chamar sobre a sua mediocridade as attenções, e sobre a sua fereza o temor dos potentados. E logo os vemos capitular com a monarchia, e escambar facilmente a toga revolucionaria pelo degradante sambenito dos apostatas. Principiam jovens no mentido culto da republica, e hão de acabar annosos ou decrepitos, atapetando com o servilismo da sua rhetorica na imprensa e na tribuna o solio dos imperantes, que os utilisam e os desprezam.

Antonio de Oliveira Marreca era a viva condemnação d'estes Proteos politicos, d'estes homens, que no vigor da vida, fazem das opiniões um trato mercantil, e só apreciam e executam os actos, d'onde possa advir um proveito mercenario, um deshonroso galardão.

O seu talento era eminente. Como economista as suas obras deram-lhe honrosissimo logar entre os mais doutos. Como escriptor litterario, quem ha que não tenha admirado a elegancia, a correcção, a pureza, a vernaculidade, o primor do seu estylo? Será eternamente verdadeiro o aphorismo de que a indole, o espirito, o caracter de um escriptor se espelham e reflectem em seus escriptos.

A incorruptivel correcção, pela qual entre todos sobresaía o caracter de Oliveira Marreca, parece que se debuxava com as linhas mais subtis e as tintas mais fieis em tudo que a sua penna delineava e coloria. O mesmo empenho na pesquisação meticulosa da verdade, o mesmo escrupulo na exposição dos factos e na sua interpretação, a mesma gravidade, a mesma compostura, o mesmo amor do bello, do justo, do verdadeiro, que foram sempre os predilectos rasgos do seu animo, onde a hombridade se egualava com a simpleza quasi infantil, e a aspera independencia da sua alma se equilibrava n'uma facil consonançia com a modestia exemplar.

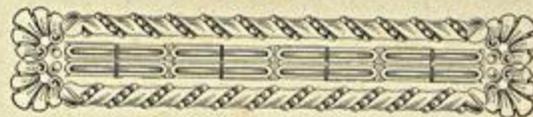
Foi grande como engenho, como sciencia e illustração do entendimento, e o seu nome é um dos mais illustres na historia litteraria d'este seculo. Mas foi grandissimo como cidadão. Os dotes do seu talento, mais profundo e reflexivo que fecundo,—se acaso a fecundidade se ha de falsamente aquilatar pela abundancia esteril de muitas obras sem valor,—os dotes do talento n'este insigne e honradissimo portuguez, ainda ficam muito abaixo dos predicados excellentes da sua essencia moral.

Com o engenho que possoía, com a altissima cultura do seu entendimento, com a merecida reputação, que entre os seus contemporaneos lhe grangearam, facillimo lhe houvera sido o ascender ás mais eminentes e douradas posições. Bastava ser, perante os que repartem as graças e as mercês, duro sim, mas flexivel como o aço, puro sim, mas ductil como o viro, porque nunca a hombridade e a riqueza foram bons famulos, para irem adiante correr os reposteiros e abrir as portas dos reaes aposentos e recamaras.

A vida de Marreca se não foi a de um asceta, foi seguramente a de um philosopho. Passou-a na menos aurea mediania, contentando-se com pouco, acceitando os tenues officios, que lhe deram, sem os pedir nem requestar.

Era elle quasi o ultimo dos homens d'aquella memoravel geração, que no primeiro terço d'este seculo padeceu os carceres e os exilios, ou combateu nos campos da batalha para fundar esse pobre morgado de mesquinhas liberdades, que ainda assim conseguiu tornar-nos unicamente meio vassallos e meio cidadãos. Para que cidadãos fossemos sómente, sem mescla de vassallagem, democratas sem liga de direito divino, trabalhou activamente, votando á causa republicana todos os seus esforços, e o que ainda mais valia, o fervor da sua crença, que nenhum revez poderia debilitar.

Honremos pois a sua memoria, como a de um varão insigne, que nos exemplificou o amor do Bello nos seus formosos escriptos litterarios, o culto do Verdadeiro na austeridade purissima do seu caracter, incapaz de se dobrar á mais venial hypocrisia, a religião do Justo pelo empenho com que professou, sem quebra nem desanimo, a fé no direito popular, e a esperança na republica fraternal e democratica.»

Latino Coelho.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS HERDEIROS PRESUMPTIVOS DO THRONO D'AUSTRIA

ARCHIDUQUES CARLOS LUIZ, FRANCISCO FERNANDO E ARCHIDUQUEZA D. MARIA THEREZA

A morte do principe Rudolpho, filho do imperador Francisco José, e herdeiro presumptivo do throno d'Austria, determinou uma nova successão ao throno imperial, estabelecendo seu herdeiro presumptivo o archiduque Carlos Luiz, irmão do actual imperador Francisco José, pois que segundo a lei austriaca, a successão só tem logar em varões, e o principe Rudolpho apenas deixou uma filha, a princeza Elisabeth, que nasceu a 2 de setembro de 1883.

Parece, porem, que a princeza Estephania, viuva do principe Rudolpho, se encontra no seu estado interessante, e se o que nascer fôr varão, será este o herdeiro do throno de seu avô.

O archiduque Carlos Luiz José Maria, nasceu a 30 de julho de 1833, e é general de cavallaria, proprietario do regimento de lanceiros austriacos n.º 7, chefe do regimento de dragões russos de Loubny e proprietario do regimento de lanceiros prussianos n.º 8.

Casou em primeiras nupcias, em 4 de novembro de 1856, com a princeza Margarida Carolina Frederica Cecilia Augusta, filha do então ei da Saxonia, a qual falleceu, sem deixar filhos, a 15 de setembro de 1858.

Casou pela segunda vez, por procuração em Roma e pessoalmente em Veneza, a 21 de outubro de 1862, com a archiduqueza Maria Annunciada Izabel Philomena filha de Fernando II que foi rei das Duas Sicilias. D'este matrimonio nasceram quatro filhos, o primogenito Francisco Fernando (de que adiante nos occuparemos), o archiduque Oton Francisco José Carlos, em 31 de abril de 1865, que casou em 2 de outubro de 1886, com a princeza Maria Josepha da Saxonia, e é hoje tenente do 1.º regimento de dragões austriacos; o archiduque Fernando Carlos Luiz, em 27 de dezembro de 1868; e a archiduqueza Margarida Sophia Maria, em 13 de maio de 1870.

Enviuvou d'este consorcio o archiduque Carlos Luiz em 4 de maio de 1881, e contrahio terceiras nupcias, em 23 de julho de 1873 com a archiduqueza D. Maria Thereza filha do fallecido principe portuguez D. Miguel de Bragança.

D. Maria Thereza da Immaculada Conceição Fernanda Eulalia Leopoldina Adelaide Izabel Carlota Michaela, Raphaela Gabriela Francisca de Assis Paulina Gonzaga Ignez Sophia Bartholomeu dos Anjos, é a terceira filha do principe portuguez D. Miguel de Bragança e prima em primeiro grau de Sua Magestade El-Rei D. Luiz I. Nasceu em Heubach a 24 de agosto de 1855.

Tem dado ao archiduque Carlos Luiz dois filhos: a archiduqueza Maria Annunciada que nasceu em Reichenau a 31 de julho de 1876; e a archiduqueza Izabel Amelia Eugenia, que nasceu tambem em Reichenau, a 7 de julho de 1878.

Se o archiduque Carlos Luiz não abdicasse da successão ao throno imperial; teriamos uma princeza de origem portugueza no throno d'Austria; o archiduque, porem abdicou em seu filho Francisco Fernando.

O archiduque Francisco Fernando Carlos, nasceu em Gratz a 18 de dezembro de 1863. Fez a sua educação militar em Vienna e actualmente é commandante do 4.º regimento de dragões austriacos.

A sua biographia por emquanto resume-se n'isto, mas a sorte que assim o collocou na perspectiva de herdar o throno d'um imperio, torna-o desde esse momento uma individualidade interessante, que chama sobre si as attenções geraes de todo o mundo, porque a Austria é uma potencia de primeira ordem, e que toma parte importante nos destinos da Europa.

UM PHENOMENO — LUIZ GOULON O HOMEM DAS BARBAS EXTRAORDINARIAS

A gravura que faz o assumpto da pag. 80 é um verdadeiro phenomeno que não deixará de despertar a curiosidade dos nossos leitores.

Luiz Goulon o possuidor d'aquellas barbas extraordinarias, é um fundidor de ferro que exerce a sua industria em uma fabrica de Montulçon (França) e tem 63 annos de idade. É natural de

OS HERDEIROS PRESUMPTIVOS DO THRONO D'AUSTRIA

A ARCHIDUQUEZA D. MARIA THEREZA

O ARCHIDUQUE CARLOS LUIZ

O ARCHIDUQUE FRANCISCO FERNANDO

(Segundo photographias)

Vandenesse (Nievre) e quando contava 14 annos de edade, tinha uma barba de 14 centimetros; aos 21 annos a barba attingia 1 metro de comprimento, e actualmente tem 2,52 centimetros, quasi outro tanto da altura do seu possuidor que mede 1,59 centimetros.

Luiz Goulon usa ordinariamente a barba enrolada com duas voltas em roda do pescoço, e assim accommodada ainda lhe chega quasi á barriga.

Não se conhece outro phenomeno semelhante, e isso tem dado logar a que varios emprezarios de espectaculos publicos o tenham querido contratar para fazerem exposição d'elle, mas Goulon, tem regeitado essas offertas, e prefere viver do seu trabalho de fundidor, com que se tem por feliz.

O FUTURO PORTO DE LISBOA

As obras de melhoramento do nosso primeiro porto, suggerem-nos algumas considerações sobre a posição geographica de Lisboa, regimen da rada, movimento commercial e projecto definitivo.

Lisboa é, na Europa, o ponto mais proximo da America, o seu porto tem accesso facil em todas as epochas; toda a navegação dos mares do Norte e Baltico, canal da Mancha e golpho de Gascunha, demanda o porto de Lisboa pelos seus navios de maior lotação e velocidade, em rumo para a America, Africa do sul, e extremo oriente pelo canal de Suez. A proxima abertura do isthmo de Panamá tambem deve contribuir para augmentar a concorrencia ao nosso porto.

Lisboa é o ponto da Europa continental onde converge maior numero de cabos submarinos, e esta circumstancia que, no dizer do fallecido engenheiro Miguel Paes, quasi passou desapercebida em Portugal, foi apontada pelo alto commercio do mundo. E foi assim que a alta finança e o grande commercio começou de notar que Lisboa viria a ser um porto de escala de primeira ordem e uma cidade commercial da maxima importancia. As principaes companhias de navegação a vapor da França, Inglaterra e Allemanha dependem do nosso porto, na sua rota para a America, India e Africa; a tonelagem tem augmentado, só de 1882 a 1883 400:000 toneladas! o que comparado ao movimento dos portos francezes, Havre e Marselha, excede a media do movimento d'estes grandes emporios do commercio europeu. Já não fallamos do alto valor que dão ao nosso porto as linhas ferreas do norte e leste fazendo d'elle o nucleo das diversas vias de communicação que o actual espirito da civilisação moderna não cessa de crear e desenvolver. Esta é a sua importancia commercial.

Situado, o porto de Lisboa, no extremo sudoeste da Europa, é aqui que será o *terminus* das viagens de navios carregados de generos vindos, de regiões longiquas, á especulação do mercado exportativo, receber ordens e conhecer o porto definitivo do destino. As noticias transmittidas pelas estações telegrapho-semaphoricas que hoje aquelles paizes recebem, não supprem a vantagem de ter aqui instrucções succintas, escriptas ou telegraphicas, que os navios vindos da China, Japão, Australia e California, pelo isthmo do Panamá, procurarão no porto de Lisboa, quando tenham a certeza de n'elle encontrar todas as commodidades de mantimento, todas as facilidades de transito. Para os que vierem com grossas avarias, depois da travesia do Atlantico, encontrarão além de commodo ancoradouro, todas as vantagens naturaes da sua posição geographica, fornecimento rapido de carvão e viveres, todos os meios de reparação facil. Emfim, se a nossa enseada, entre a Roca e o Espichel, indicar facil accesso ao largo estuario do nosso Tejo por uma barra benigna, quer a singradura se effectue pelo canal do norte ou pela barra grande, o porto de Lisboa não terá rival na Europa.

Tratemos agora do projecto definitivo:

* * *

No plano definitivo, elaborado pela direcção das obras do porto de Lisboa, encontramos assim descriptos os futuros melhoramentos:

A partir da ponte oeste do caminho de ferro do norte e leste, (Santa Apolonia) o alinhamento do muro de caes exterior segue proximamente a linha da testa da mesma ponte que vem encontrar o alinhamento de jusante, limitando o avançar das obras sobre o rio, desde o caneiro de Alcantara ao arsenal da marinha, sob um angulo de 144°, em frente do caes de Santarem. As tangentes para a curva de concordancia d'estes dois alinhamentos, dando-se o comprimento de 825 metros, e o raio da curva que os liga, prefaz ao todo 2:492 metros.

Um navio pode pois encostar á curva sem inconveniente, visto que no comprimento de 100 metros o elemento de curva pouco se desvia da recta.

Foi pois dentro do perimetro assim determinado que se projectaram as dokas, ou espaços reservados para carga e descarga dos navios pequenos, ou de media grandeza, que não se julguem em bastante segurança atracados ao caes exterior e tenham de fazer as operações commerciaes defronte de armazens apropriados.

ESTADO DAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA, JUNTO Á ESTAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO, A S.TA APOLONIA — 2 BATARDEAUX

(Desenho do natural por L. Freire)

Por ser o caes onde o trafego fluvial está mais concentrado veem a construir-se duas dokas junto ao caes de Santarem; uma que possa satisfazer as necessidades do commercio do vinho e cereaes do Ribatejo, e por isso denominada *doka do Terreiro do Trigo;* outra mais proxima da Alfandega, que deva satisfazer ao serviço da linha do sul e sueste, quando os barcos não possam atracar ao correspondente caes fluctuante. Estas duas dokas estão separadas do caes de Santarem, — a esse tempo transformado por meio de terrapleno em uma espaçosa praça — tendo sobre o rio um caes fluctuante. Este terrapleno conquistado ao rio junto á estação do caminho de ferro do norte e leste, será aproveitado para alargar e construir caes cobertos com os respectivos armazens.

O largo da Fundição Debaixo fica mais amplo, tendo um caes fluctuante na frente, para embarque e desembarque de passageiros e volumes pequenos.

Desde a estação do caminho de ferro até á praça do Commercio, uma avenida de vinte e cinco

metros de largura, comprehendendo os passeios, seguirá a linha dos caes interiores deixando, para o lado de fóra, um espaço de quinze metros para estabelecer duas vias ferreas; uma d'ellas é directa afim de ligar a antiga estação de Santa Apolonia com a estação de Alcantara.

Assim, a circulação entre o Terreiro do Paço e a estação do caminho de ferro, que hoje se faz pelas ruas da Alfandega e Ribeira Velha, ficará largamente servida e as dokas com sufficiente desafogo.

Junto ao torreão occidental da Praça do Commercio, onde está a estação do caminho de ferro do sul e sueste, construir-se-hão: caes fluctuante especial, vias de garagem para vagons, e telheiros para mercadorias. Pela frente do Terreiro do Paço fica um *square* de cem metros quadrados approximadamente, que deve ser ajardinado.

Tanto a avenida como a via ferrea de ligação com a gare de Alcantara se inflectem e vão passar á distancia de 100 metros do torreão occidental da praça, passando deante do arsenal que fica separado da avenida por uma doka de 80 metros de largura por 240 metros de comprido.

A avenida e via ferrea seguem n'uma ponte de trinta metros, á entrada d'esta doka.

Passadas as novas construcções projectadas para o arsenal, a avenida lança-se no largo terrapleno que se estabelecerá deante da praça dos Romulares, e que será em parte arborisado, e n'outra parte servirá á passagem das linhas ferreas. No prolongamento da rua do Alecrim fica um caes fluctuante.

A partir da praça dos Romulares, esta via de communicação abre-se em tres avenidas, uma marginal, que vae ao longo do caes exterior e a quarenta metros de distancia d'elle; outra intermedia, que, começando na praça de D. Luiz, seguirá até á Junqueira em alinhamento recto; finalmente, a actual rua Vinte e Quatro de Julho, continuará a servir os quarteirões interiores. As linhas ferreas acompanham a avenida intermedia, até ao caneiro de Alcantara. A linha de ligação com a linha de Torres, defronte da rocha do Conde de Obidos, começa a elevar-se e passa depois por cima das ruas e avenidas em viaducto, até ir ligar-se á encosta do valle junto ao tunnel dos Prazeres.

Finalmente, conforme diz o respectivo relatorio, pela adopção das obras propostas, conseguir-se-ha conservar ao porto de Lisboa as suas excellentes condições de navegação e proporcionar-lhe os meios regulares, promptos, economicos e seguros, de execução das differentes operações de embarques, desembarque, guarda, recepção e expedição de mercadorias e passageiros, indispensaveis não só para se satisfazer aos serviços da praça de Lisboa e aos interesses de todo o paiz, mas tambem aos da navegação e commercio geral das differentes nações; porque, se o nosso porto não é de penetração continental, é em compensação um porto da penetração maritima.

N'esta qualidade prestará importantes serviços aos navios, cada vez em maior numero, que em todas as direcções e sentidos sulcam o Oceano Atlantico em frente da nossa costa, e aqui encontram as commodidades e meios de reparação que devem augmentar a sua importancia como porto de escala. E é assim que o nosso porto poderá vir a offerecer vantagens notaveis, não só ao commercio de transito e á industria dos transportes em Portugal, mas em toda a peninsula, que justifiquem a sua preferencia.

Esta obra monumental que nos collocará em condições de commercio superiores a Bordeus, Vigo, Cadiz, Sevilha e Huelva, deve estar terminada em dez annos, sendo assim distribuido o trabalho:

1.º e 2.º annos.—Rampa de vasadouro ao norte da doka de fluctuações: Pequena doka de reparação e muros de caes correspondentes; Muro do caneiro de Alcantara, Muro de caes exterior; Rampa de vasadouro da doka de Santos; Muro de caes em frente da estação de Santa Apolonia; Rampa de vasadouro oriental da doka do Terreiro do Trigo.

3.º e 4.º annos.—Construcção de todos os muros interiores da doka de fluctuação; Testa da inclusa; Muros de caes das dokas de Alcantara e do Terreiro do Trigo, e em frente do caes de Santarem.

5.º e 6.º annos.—Conclusão da eclusa; Muros de caes exteriores; Grande doka de reparação; Muro de caes exterior em frente da praça do Commercio, arsenal da marinha e doka da Alfandega.

7.º e 8.º annos.—Muro de caes e ante-porto correspondente ao angulo de NO; Muro de caes do norte, da doka de Santos; Muro de caes em frente do Caes do Sodré; Muros de caes interiores.

9.º e 10.º annos.—Construcção da parte restante dos muros de caes interiores e exteriores, e outros trabalhos para complemento da empreitada.

E esta a divisão do trabalho da grande obra de Antonio Augusto de Aguiar, e o nome d'este homem de estado não deve nunca ser esquecido deante da obra que foi o seu ideal constante, como o do grande navegador D. Henrique fora a descoberta da India. Antonio Augusto vio ainda os primeiros passos officiaes para esse grande melhoramento nacional, o grande infante morreu acalentando ainda o bello sonho da descoberta do caminho á India pelo *extremo sul*, só realisado seculos depois.

É bom sempre honrar os mortos deante do trabalho que aproveita aos vivos.

M. B.

VENEZA

I

Envolta no silencio
Da noite luctuosa,
Negra, qual coche funebre,
Deslisa vagarosa
Pelos canaes a gondola,
Que á terra me conduz,
 Á terra do mysterio,
Á singular cidade,
Á côrte da republica
De escrava liberdade,
Que foi, qu'inda nos seculos,
Como pharol, reluz.

Ah! que hora tão propicia
Para o que a vez primeira
Te vê surgir das aguas!
A lua feiticeira
Por entre nuvens rapida
Caminha pelo ceo,
 Já livre, já sumindo-se,
N'ellas a face occulta,
Aclara-te, illumina-te,
Em sombras te sepulta,
Dando-te um ar phantastico,
Ou tristuroso veo.

E pelas ruas liquidas
D'esta cidade morta
A nave esguia e lugubre
Arfando me transporte,
E pontes, caes, palacios,
Ruinas deixo após,
 Emquanto ao rijo fremito,
Ao soluçar do vento,
Do remo ao som monotono,
O gondoleiro attento
Mistura, como annuncio,
De quando em quando, a voz.

Este conjuncto deixa-me
Em grato sonho immerso,
As aguas acalantam-me,
A gondola é meu berço,
A lua o somno vela-me,
Cobre-me o azul docel.
 Então minh'alma soffrega
Revôa n'um momento
Do que é para o preterito;
E vejo em pensamento,
Que magico espectaculo!
Mil scenas em tropel

De pugnas e de assedios,
De marchas triumphantes,
De tenebrosos mascaras,
De amores delirantes,
De luzes e de canticos
Á noite nos canaes,
 A que dos fundos carceres
Se juntam os gemidos,
Os gritos da victoria,
O pranto dos vencidos,
O faiscar dos gladios,
A sanhã dos punhaes.

Fervem aprestos bellicos
Ao longo das ribeiras,
Ás armas! Veem já proximas
Do turco as naus guerreiras;
Correm á pressa; embarcam-se
Soldados sem cessar.
 Lançando mil relampagos,
Brilhante de aço e ferro,
Já leva a frota as ancoras,
E no seu ligneo encerro
Por companheira a gloria
Conduz, e faz-se ao mar.

Agora as azas candidas
Sôltas, qual bando de aves,
Entram o porto em jubilo
As carregadas naves,
Dos ricos fructos d'Asia,
Que o moiro até Suez
 Transporta desde a India.
Já veem ferrando as velas;
E da miuda enxarcia,
Já farto de procellas,
O marinheiro a patria
Saúda uma outra vez.

Agora extenso prestito
De barcos mil, e á frente
O Bucentauro aurifero;
E á prôa, resplendente
De galas e de purpura,
O doge estende a mão;
 Ao vel-o do Adriatico
Ondeia a face e treme;
Longe o Mediterraneo
Se encrespa; o turco geme;
Cae n'agua o annel symbolico;
Applaude a multidão.

II

Foi-se a noite; desponta a claridade,
E as illusões ante ella se esvaecem;
Porem fica-me n'alma uma saudade!
Como tão differentes apparecem

Todos estes logares! É Veneza,
Veneza, do Adriatico a rainha,
Cheia outr'ora de vida e fortaleza,
Esta que se apresenta á vista minha?

Que é feito do explendor de antigas eras?
Aonde os teus soldados triumphantes?
Aonde as tuas rapidas galeras?
Aonde os teus expertos navegantes?

Onde, rival de Genova, a famosa,
A destemida espada que empunhaste?
Ah! já não és do mar a cara esposa!
Ah! já do sólio ao tumulo baixaste!

Hoje, do teu passado só espectro,
Vives na solidão e nas ruinas.
Nem doge, nem poder, nem regio sceptro!
Deram-te no oriente as lusas quinas

Golpe, golpe mortal; não menos forte
Deu-t'o na terra e mar o mahometano;
Depois Napoleão votou-te á morte,
E entregou-te da Austria ao jugo insano.

Hoje, tu que impuzeste a tantas gentes
A lei, tu que vivias do teu brilho,
Tu que ensinaste aos povos dissidentes
Da Italia o mais heroico, honroso trilho,

Hoje, submissa á lei que vem de Roma,
Satelyte entre os mais em torno d'ella,
Qual os mais, d'este sol que ardente assoma
Tu recebes a luz, pallida estrella,

E no tope dos mastros, arreedo
Do leão o estandarte, agora mudo,
O tricolor desfraldas, adornado
Do feliz saboiano pelo escudo.

És um phantasma apenas da Veneza
Pela historia no marmore esculpida;
Porem esta velhice, esta rudeza,
Esta auzencia de estrepito e de vida,

Estes canaes, que, lá de quando em quando,
Sulca triste batel mysterioso,
Este de pombos infinito bando,
Superstição d'um tempo venturoso,[1]

Estas ruas que o animo entristecem,
Estas casas sem mimo e sem conforto,
Que sós, deshabitadas nos parecem,
O palacio ducal, bello, mas morto,

E ermo, cheio só da gloria antiga
E de Marino pela sombra augusta,[2]
Que o patib'lo, a prisão e o throno abriga,
Consorcio extranho! a cathedral vetusta,

[1] Estes bandos de pombos reunem-se na praça de S. Marcos, onde a camara de Veneza os sustenta, em memoria dos que no seculo treze contribuiram, pelos avisos que levaram ao almirante Dandalo, para a conquista da ilha de Candia, que elle cercava.

[2] Marino Faliero.

Templo, onde tres religiões se adoram,
Deus, patria e arte, oriental poema,
Cujo estylo e tropheus a Asia memoram
E do teu heroismo é como o emblema,[1]

Tudo isto que nos fala do passado,
E dirieis já morto, pelo encanto,
Pela bruma do tempo idealisado,
E dos poetas ao sonoro canto,

Resurge, toma corpo, e aos olhos d'alma
Se transfigura, como á luz da lua,
Quando, da noite na profunda calma,
Vi pela vez primeira a forma tua.

Vem pois, emquanto o astro vaporoso
Não torna, ó fascinante poesia,
Acalantar-me o somno luminoso,
Tapar-me o sol d'este importuno dia,

D'esta realidade os desenganos.
Oh! vem, fecha-me os olhos ao presente;
Assim a imaginei por muitos annos,
Assim a quero ver unicamente.

Ramos Coelho.

[1] A egreja de S. Marcos do estylo byzantino.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XII

Quando se apanhou cá em baixo, em plena praça da Alegria, o Quim soltou um suspiro d'alivio.

A valentia não era o seu forte, e apezar do sr. Leitão não ser precisamente um mata mouros, o Quim sabendo o zangado e comprehendendo bem os motivos que elle tinha para o estar, não se sentia lá com muitos desejos de lhe aturar as zangas.

Entretanto na sua precipitação em fugir, quando a Anna, a cosinheira lhe declarara que seu amo estava fulo e se o apanhasse o desancava, o Quim esquecera-se de perguntar-lhe para onde fôra sua irmã, a Emilinhas.

Entretanto compensou esse esquecimento por um bocadinho de raciocinio:

—Se minha irmã não está cá é porque se foi embora, pensou elle com uma grande lucidez de espirito que não estava muito nos seus habitos, e se se foi embora é porque foi para outra parte. Mas para qual parte?

Ahi é que estava a questão, como se diz no *Hamlet*.

—Para onde teria ido a Emilinhas áquellas horas da noite?

Para casa; era claro como agua, e em virtude d'essa clareza o Quim não esteve com mais cogitações, metteu pernas a caminho e dirigiu-se ás Olarias.

A noite ia alta, as ruas estavam desertas e o Quim não gostava nada de andar sosinho de noite pelas ruas desertas, demais a mais pelas ruas das suas circumvisinhanças, as viellas da Mouraria, que diga-se em abono da valentia do Quim, não eram lá de uma segurança extrema para os transeuntes.

Entretanto, fazendo das tripas coração, descrevendo amplos zig-zags em torno das raras pessoas que encontrava, passando sempre a respeitavel distancia das tabernas que estavam ainda abertas, e d'onde sahia o burburinho de muitas vozes avinhadas, roquejantes, envolvidas em gritadas discussões, sentindo grandes alivios aos seus terrores quando avistava ao longe os vultos serenos e impassiveis das patrulhas da municipal, deminuindo então o passo e acompanhando o andar ronceiro dos vigilantes municipaes, o Quim chegou á sua casa.

Bateu á porta, tornou a bater e moita; ninguem lhe respondia.

Começou a estar inquieto.

Não tinha chave do trinco; sahira com sua irmã para a *soirée* dos Leitões, e como nunca pensára em recolher a casa sósinho, deixára no seu quarto a sua chave, visto que a Emilinhas levava a d'ella.

Em casa não havia mais ninguem. A criada tinha ido passar uns oito dias a Loures, sua terra e durante essa curta ausencia elles remediavam-se jantando por casa das pessoas das suas relações, e tendo uma visinha, uma mulher aos dias, que lhes ia lá fazer o serviço.

Portanto essa ausencia de resposta ás fortes argoladas que batia na porta queria dizer de duas uma: ou que sua irmã estava em casa, mas adormecera já e muito ferrada no somno não o ouvia bater, ou que não tinha vindo para casa, e não estava lá ninguem, e não havia quem lhe abrisse a porta.

Tornou a bater, a bater e com tanta ancia que accordou o visinho do primeiro andar.

—Que demonio de bulha é esta? perguntou com muito mau humor o visinho, levantando-se extremunhado e abrindo a janella.

—Sou eu, senhor major, disse o Quim muito amavel, adoçando o mais que poude a sua voz, para amansar a justa ira do seu visinho, o major Rodrigues, cujo somno quebrara tão desastradamente.

—Oh! é o sr. Barradas? perguntou o major um pouco mais brando.

—Sim senhor, sou eu e peço desculpa de o ter acordado.

—Olhe pois eu não tenho o somno nada leve, mas o sr. tem feito uma bulha que parecia que queria deitar o predio abaixo.

—É que penso que a mana está a dormir, e não me abre a porta.

—A sua mana? Então ella não sahiu com o senhor?

—Sahiu sim senhor...

—Então não veio ainda...

—Não veio ainda?

—Não veio: nós deitamo-nos tarde, e ainda não ouvimos bater, nem subir a escada.

—Nada, ella deve já cá estar; é que V. Ex.ª não a ouviu sr. major: ella já cá está por força.

—Olhe espere ahi, se quer eu vou bater para cima, a vêr se ella lá está!

—Sim senhor, faz-me muito favor.

O major Rodrigues metteu-se para dentro e d'ali a nada cá fora na rua: ouvia-se uma bulha enorme umas grande pancadas como se se estivesse a arrombar uma porta.

Era o major Rodrigues a accordar a irmã do Quim

Nos predios proximos começaram a abrir-se janellas, e caras assustadas coroadas de coifas brancas, e de barretes de dormir, assumavam a ellas estremunhadas, a espreitar o que vinha a ser aquillo.

O Quim já muito envergonhado, muito corrido, pelo escandalo colossal que estava provocando na sua tranquilla rua, cozia-se o mais que podia com a porta, esperando o resultado da brutal experiencia do seu visinho major.

Por fim, quando, a julgar pela violencia das pancadas, o Quim calculara já que o quarto de cama de sua irmã estivesse a desabar no primeiro andar, o major Rodrigues appareceu á janella.

—O sr. Barradas! sr. Barradas! perguntou o major debruçando-se a ver se o via.

—Sr. major.

—Ninguem responde: sua irmã não está lá com certeza.

—Ora esta! exclamou o Quim muito apoquentado e sem saber o que havia de fazer, aquellas horas da noite, sosinho na rua das Olarias.

—Olhe, se quer eu abro-lhe a porta de baixo, para não ficar ahi na rua, á espera.

—E fica na escada á espera que sempre está mais abrigado, aconselhou uma voz feminina, sahindo d'um vulto que surgia á janella por detraz do major.

—Muito obrigado, agradeceu o Quim comprehendendo que não tinha remedio senão acceitar essa solução, a melhor de todas que tinha a escolher, que não eram muitas; ou voltar para a baixa e ir ficar a um hotel, o que alem de incommodo sempre lhe importaria n'uns tostões, ou então ir correr secca e meca a accordar todas as pessoas das suas relações a perguntar pela mana, como fizera na casa dos Leitões.

—Eu lá vou abrir, disse a esposa do major Rodrigues.

—Tu não, que não estás decente para apparecer, ponderou severo e em voz baixa o major, eu lá vou.

—Então sem incommodo, disse cá da rua muito amavel o Quim.

O major Rodrigues, accendeu um coto de stearina na sua lamparina nocturna, e desceu a escada a abrir a porta ao Quim.

—Ora que incommodo que eu lhe dei, disse o Quim desfazendo-se em desculpas.

—Deu algum, deu, disse o major, accordou-me no melhor do meu somno, a mim e á minha mulher, fez uma revolução cá em casa, os rapazes tambem accordaram assustados e estão a berrar que nem uns possessos.

E por fim exclamou amavel:

—Mas que remedio tem a gente n'este mundo senão incommodar-se uns pelos outros: são os espinhos da vida e como não ha remedio, o que o não tem, remediado está; não fallemos mais n'isso.

E dizendo estas brutalidades com a convicção de quem estava sendo delicadissimo, o major Rodrigues foi subindo a escada alumiado pelo seu coto de stearina e seguido pelo Quim, que balbuciava agradecimentos, pois conhecia bem o seu visinho major, cuja brutalidade era notoria e sabia que n'elle tudo aquillo que estava dizendo eram verdadeiras finezas.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

Se deixasse-mos esta columna em branco, seria o mesmo que escrever-mos a *Revista Politica*, tal é a escassez do assumpto que temos para esta secção, e com quanto a politica portugueza não forneça ordinariamente grande assumpto, para a critica das grandes questões, que devem preoccupar um paiz que vive no concerto das nações civilisadas, fornecesse todavia, de vez em quando, alguns factos de politica interna, muito caseira, muito singular, que se espraiam pelos artigos de fundo dos jornaes politicos, tomando proporções de grandes casos, com que se entretem a curiosidade publica, e com que se descompõem muito platonicamente os politicos da nossa terra.

Agora, porem, ha uma completa paz em toda a linha, e os adjectivos mal sonantes dormem tranquillamente um somno reparador, para despertarem d'elle, d'aqui a alguns poucos dias sob o tecto complacente da sala de S. Bento.

Esta bonança tão risonha como os formosos dias de primavera que vamos passando, é prenuncio certo de tempestade que vae desencadear-se muito proximamente, no seio da representação nacional.

É isto o que se diz nos circulos politicos e que nós aqui exaramos sem pretenções de propheta, para o que aliaz não é preciso ser Bandarra, vistas as condições em que o parlamento se fechou e as em que se vae abrir.

Verdade é que o governo já transacionou com á Companhia Vinicola do Norte, já lhe fez as concessões que ella queria, e por este lado está o mal sanado, se o parlamento estiver de acordo. Com respeito ao pagamento da divida dos tabacos tambem se diz que não irá ao parlamento o relator da commissão de fazenda que deu parecer sobre a lei que regulou a liquidação com as fabricas de tabacos, e isto dará grande côrte na questão, e se accrescentar-mos que o sr. Marianno de Carvalho anda todo atarefado com a Exposição de Paris, e que não poderá estar na capital da França e em Lisboa ao mesmo tempo, é facil prevêr, que esta questão não poderá produzir grande cousa, e que as carteiras e cadeiras das salas de S. Bento serão poupadas, com o que as pobres quadrupedes devem estar muito contentes.

Uma outra questão se ventilla agora mansamente nas folhas diarias, é a questão das minas em Moçambique.

A exploração d'essas minas fôra concedida á Companhia Ophir que em tempo se formou, mas que depois passou para uma nova companhia de Moçambique, e esta agora parece querer passar essa concessão para os inglezes.

O governo vae lavando as mãos d'este negocio que se poderá complicar, declarando que só procederá com a lei e o sr. procurador regio na mão, pelo que não podemos deixar de lhe enviar os parabens, pela firmeza com que d'esta vez levará de vencida as garras do leopardo que surrateiramente se está preparando para saltar nas taes minas.

A espectativa é o estado d'esta questão, no que não differe do estado de muitas outras, como por exemplo a questão agricola, que não obstante ser de vida ou de morte, nem por isso se lhe aplica remedio inergico, mas paliativos, porque o mal já é chronico.

Por agora, com licença dos srs. moageiros, levantaram-se os direitos ao trigo estrangeiro, mas isto não impede que os trigos portuguezes continuem a ser postos de parte, porque, coisa rara, dizem que o povo não quer pão de trigo nacional e prefere a alpista que vem da America!

Crêmos que isto é fineza áquella historia da alpista de Serpa Pinto.

E a final sempre se encheu a columna e já não temos espaço para fallarmos da partida de Serpa

Pinto para Moçambique em soccorro de Antonio Cardozo que está no Nyassa, em desempenho de commissão do governo portuguez.

Esta partida de Serpa Pinto envolve um mysterio que a imprensa tem commentado cautelosamente, e ainda mais pelo arrojado explorador ter levado carta de prego.

A estas horas em Londres tambem se está scismando muito no caso, mas parece-nos que por lá sempre se saberá mais do que por cá.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Academia Real das Sciencias. — A segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, reunio em sessão no dia 14 do mez passado, sob a presidencia do sr. visconde de Benalcanfor, assistindo os socios srs. Pinheiro Chagas, Conde de Valenças, Theophilo Braga, Luiz Augusto Palmeirim, Bulhão Pato, Christovão Ayres, Joaquim d'Araujo e Brito Aranha.

O sr. Theophilo Braga referiu-se ás alterações que convem fazer no regulamento a respeito do premio de El-Rei de 1:000$000, sobre as condições com que este premio deve ser conferido, parecendo-lhe que se deviam introduzir as seguintes modificações:

1.º reduzir o numero de votantes que o regulamento determina seja quinze, numero de votantes que nunca se reune; 2.º tornar obrigatoria a publicação do relatorio sobre a concessão do premio; 3.º que o premio seja conferido em sessão solemne, e pago por intermedio da thesouraria da Academia.

O sr. Bulhão Pato pronunciou-se contra estas alterações com respeito ao premio d'este anno, por lhe parecerem de acção retroactiva.

O sr. Conde de Valenças apoiou as ideas do sr. Theophilo Braga e disse que havendo imperfeições no regulamento, não lhe parecia que emendar essas imperfeições, prejudicasse os concorrentes.

O sr. Pinheiro Chagas declarou que apesar do regulamento não se referir á publicação do relatorio, entretanto o relatorio sobre o premio conferido pela 2.ª classe fôra publicado no *Jornal do Commercio*, e só o que dizia respeito ao premio da 1.ª classe ainda não tinha sido publicado. Emquanto aos outros pontos a que se referia o sr. Theophilo Braga estava de perfeito accordo e entendia que este assumpto se devia tratar em assembléa geral.

O sr. Chrystovão Ayres tambem concordou com a opinião do sr. Theophilo Braga, mas entendia que as alterações a fazer não devem prejudicar os actuaes concorrentes ao premio.

O sr. presidente consultou a assemblea sobre as indicações resultantes do debate e ficou determinado que a acta d'esta sessão sirva de base para a discussão da assembléa geral.

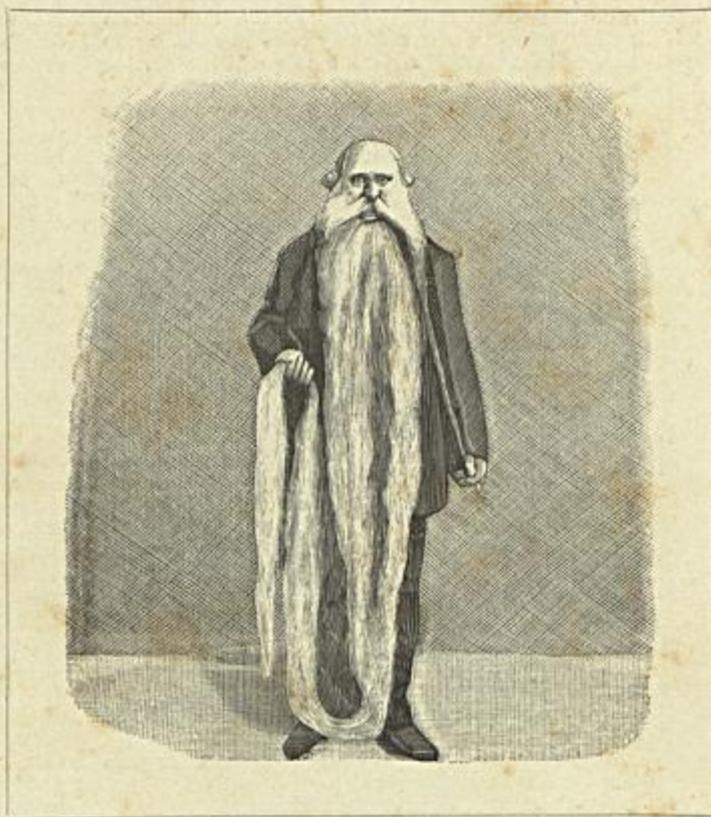
O sr. Bulhão Pato apresentou o parecer sobre a candidatura do sr. Lopes de Mendonça para socio correspondente, o qual conclue pela approvação do candidato.

O sr. Theophilo Braga apresentou o programma para a publicação d'uma revista, orgão da 2.ª classe, a exemplo da 1.ª classe, o qual foi mandado imprimir para se distribuir pelos socios e ser discutido em assembléa geral.

O sr. Conde de Valenças manifestou-se em favor da publicação da revista e deseja que ella se reduza á pratica.

O sr. Joaquim d'Araujo lembrou á Academia a publicação do manuscripto do sr. Manuel Bernardes Branco, relativo ao 3.º e 4.º volumes de *Portugal e os Estrangeiros*, o qual se acha ali ha dois annos, á espera do parecer. Apoiou a idéa da publicação da revista, assim como concordou com as considerações apresentadas pelo sr. Theophilo Braga a respeito do premio.

O sr. Pinheiro Chagas deu explicações sobre os motivos que tem retardado o parecer a respeito da obra do sr. Bernardes Branco.

O sr. Chrystovão Ayres agradeceu a promptidão com que tinha sido attendida a sua proposta sobre a collecção Trigoso e que sabia que do pedido feito aos socios com relação ao emprestimo de livros, muitos já tinham sido devolvidos á bibliotheca da Academia.

UM PHENOMENO — LUIZ GOULON

O BARBAS EXTRAORDINARIAS

(Segundo uma photographia)

Propoz mais para que se completasse uma collecção de desenhos de uniformes militares dos fins do seculo passado, e que existe na Academia, restabelecendo uma pagina que lhe falta e que se referia ao uniforme usado pelo regimento de cavallaria de Mecklemburgo, promptificando-se a dirigir esse trabalho.

O sr. Theophilo Braga perguntou se em tempo fôra apresentada á Academia uma proposta pelo sr. Teixeira de Vasconcellos, para a publicação da *Historia de Portugal* de Schæfer, ao que o sr. Pinheiro Chagas respondeu dando algumas informações sobre este assumpto, e a meza prometteu indagar o que houvesse a tal respeito na secretaria da Academia.

O sr. Conde de Valenças observou que a alludida obra do historiador allemão é muito incompleta.

O sr. Brito Aranha offereceu o ultimo volume publicado do *Diccionario Bibliographico*.

Foi lido um officio do ministerio do reino pedindo o parecer da Academia sobre uma obra do sr. Marques Gomes, *Luctas Caseiras*, afim de ser impressa por conta do Estado.

Enviou-se á secção de litteratura.

No dia 22 reuniu novamente a Academia em Assembléa geral sob a presidencia do sr. dr. Thomaz de Carvalho, servindo de secretario o sr. Latino Coelho, e compareceu os socios effectivos srs. Pinheiro Chagas, Motta Pegado, Pina Vidal, Gaspar Gomes, José Horta, Delgado, Theophilo Braga, Bocage, Palmeirim, Silveira da Motta, Bulhão Pato, Schiappa Monteiro, e os socios correspondentes Alfredo Luiz Lopes, José Julio Rodrigues, Conde de Valenças, Joaquim de Araujo, Zepherino Brandão, Virgilio Machado, Roma du Bocage, Vasconcellos Abreu, Brito Aranha, Christovão Ayres e Ramos Coelho.

O sr. presidente participou á assembléa a morte do socio Oliveira Marreca, fazendo o seu elogio, e propoz para que se lance na acta um voto de sentimento pela perda d'este academico.

A assembléa votou unanimemente esta proposta assim como a do sr. conde de Valenças para que se lançasse, tambem na acta, um voto de sentimento pela morte do principe Rudolpho d'Austria, socio de merito da mesma Academia.

Resolveu-se ceder a sala da bibliotheca para a reunião e sessões do congresso de jurisconsultos que se deve reunir em Lisboa em Abril.

Resolveu-se mais que a proxima sessão solemne se realise no dia 5 ou 12 de maio, e que oito dias depois d'essa sessão se celebre uma sessão publica para a leitura do elogio academico de Alexandre Herculano.

Deverá ser convocada uma assembléa geral para se discutir a reforma do regulamento para a adjudicação do premio de 1:000$000 de El-Rei D. Luiz I.

O sr. Theophilo Braga propoz para que a Academia se fizesse representar na Exposição de Paris. Esta proposta ficou para ser discutida na primeira assembléa geral.

Corrida de cavallos. — Devem realisar-se nos dias 13 e 14 do corrente, no hypodromo de Belem as corridas de cavallos da primavera, promovidas pela Sociedade do Apuramento das Raças Cavallares.

O programma é o seguinte:

Primeiro dia. 1.ª corrida — *Cosmos* — Premio da sociedade, 350$000 réis. Ao 1.º, 320$000 réis; ao 2.º, 30$000 réis. para cavallos inteiros e egoas de qualquer edade, raça e procedencia. Distancia cêrca de 3:000 metros.

2.ª corrida — *Criterium* — Premio do governo, réis 1:100$000. Ao 1.º réis; 900$000 ao 2.º, 140$000 ao 3.º, 60$000 réis; para poldros inteiros e poldros portuguezes e cruzados de 3 annos. Distancia cêrca de 1:300 metros.

3.ª corrida — *Secret* — Premio da sociedade, 200$000 réis. Ao 1.º, 180$000 réis; ao 2.º, 20$000 réis; para cavallos e egoas portuguezas e cruzados de 4 annos em deante, que não tenham sido vencedores d'um premio pecuniario. Distancia cêrca de 1:300 metros.

4.ª corrida — *Hurdle — Race* — Premio da sociedade, 300:000 réis. Ao 1.º, réis; 270$000 ao 2.º, 30$000 réis, para cavallos e eguas de qualquer raça e procedencia, de 4 annos em deante. Distancia cêrca de 2:000 metros com 7 obstaculos.

5.ª corrida — *Peninsular* — Premio da Sociedade, réis 300$000. Ao 1.º, 270$000 réis; ao 2.º, 30$000 réis. Para cavallos inteiros e egoas portuguezas e cruzadas de qualquer edade. Distancia, cêrca de 2:000 metros.

Segundo dia. 1.ª corrida — *Handicap* — Premio da Sociedade, 100$000 reis. Ao 1.º 90$000 réis; ao 2.º 10$000 réis; para cavallos e egoas que tenham corri-do o premio *Secret* excepto o vencedor d'este premio. Distancia 1:300 metros.

2.ª corrida — *Handicap puro sangue* — Premio da Sociedade 450$000 réis. Ao 1.º 400$000 réis; ao 2.º 50$000 réis; pará cavallos e egoas inglezas e anglo-arabes de todas as edades. Distancia cêrca de 3:000 metros.

3.ª corrida — *Handicap nacional* — Premio do governo, 500$000 réis. Ao 1.º 450$000 réis; ao 2.º réis 50$000. Para egoas portuguezas e cruzadas de qualquer edade. Distancia cêrca de 2:000 metros.

4.ª corrida — *Compensação* — Premio da Sociedade, 100$000 réis. — *Handicap* — para todos os cavallos e egoas inglezas e anglo-arabes que tenham corrido e não tenham sido vencedores n'esta reunião; distancia cêrca de 1.300 metros.

5.ª corrida — *Consolação* — Premio da Sociedade 100$000 réis — *Handicap* — para todos os cavallos e egoas portuguezas e cruzados que tenham corrido e não tenham sido vencedores n'esta reunião. Distancia cêrca de 850 metros.

Serpa Pinto. — Partiu no dia 25 do mez findo para Moçambique a bordo do vapor *Moor*, Serpa Pinto, o intrepido explorador da Africa. Serpa Pinto vae, em commissão do governo portuguez, juntar-se ao commandante da expedição portugueza ao lago Nyassa, o capitão-tenente da armada sr. Antonio Maria Cardoso, que ali se acha. Levou carta de prego que só deve abrir em Africa, e em Lourenço Marques terá á sua disposição uma canhoneira portugueza.

Esperamos mais de espaço tratar d'esta expedição, que está preoccupando muito o governo inglez.

PUBLICAÇÓES

Recebemos e agradecemos:

Banco do Povo *sociedade anonyma de responsabilidade limitada, relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal, sobre a gerencia finda em 31 de dezembro de 1888*. Lisboa, 1889. Pelas contas apresentadas n'este relatorio vê-se que o estado financeiro d'este estabelecimento bancario tem melhorado consideravelmente, alcançando no anno findo um saldo de lucros de 28:436$413 réis ou mais 5:527$452 réis que no anno antecedente.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43